

Perspectivas, percepções e o público¹

Neil Cossons*

Tradução: Denise Geribello e Patrícia Freitas

Faz trinta e seis anos que o Primeiro Congresso Internacional de Conservação de Monumentos Industriais (FICCIM², como era chamado então) ocorreu em Ironbridge em 1973³ e trinta e quatro que o TICCIH, em que ele viria a se tornar, foi sediado pela última vez na Alemanha – na cidade de Bochum em 1975⁴. Neste meio tempo, o mundo passou por mudanças profundas, assim como nossa perspectiva sobre passado industrial e suas evidências materiais.

Em Ironbridge, no ano de 1973, havia apenas 61 representantes de oito países que chegaram inesperadamente, por assim dizer, em resposta a uma carta-convite para expor no que era, então, um congresso desconhecido sobre um tema desconhecido. Hoje, temos aqui mais de 350 pessoas de 38 países participando do encontro trienal de uma grande organização internacional, respeitada e em crescente valorização devido a seu trabalho. Podemos, creio eu, olhar para os últimos trinta anos tendo consciência de uma verdadeira conquista.

Mas é da natureza das mudanças fundamentais ocorridas ao longo deste período em um mundo industrial mais amplo que quero tratar. Além disso, quero fazer algumas considerações sobre as perspectivas para o futuro. Este turbilhão foi cataclísmico em sua própria escala, impacto e conseqüências, de tal forma que o mundo em que vivemos agora seria inimaginável, mesmo pelo mais visionário dos futurólogos, há apenas 30 anos. Em 1973, serviços supersônicos de passageiros diários através do Atlântico Norte estavam ainda a três anos de

¹ Texto apresentado na Sessão Plenária do TICCIH Congress 2009 em 31 de Agosto de 2009 na cidade de Freiberg, Alemanha.

* Sir Neil Cossons foi diretor do *Ironbridge Gorge Museum Trust* de 1971 a 1983 e instigador do Primeiro Congresso Internacional de Conservação dos Monumentos Industriais em 1973. Foi diretor do Museu de Ciências de Londres por 14 anos e, posteriormente, presidente do *English Heritage*, principal órgão de aconselhamento do Governo do Reino Unido sobre o ambiente histórico inglês, de 2000 a 2007. É presidente vitalício do *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH).

² FICCIM - First International Congress on the Conservation of Industrial Monuments (N.T.)

³ Ver TRINDER, B. S. 2000, disponível em <http://www.mnactec.com/TICCIH/imgenes/pdf/Trinder> para um resumo do *First International Congress on the Conservation of Industrial Monuments* (FICCIM) e subseqüentes eventos até o Congresso TICCIH 2000. Neil Cossons, Diretor do Ironbridge Gorge Museum, e Barrie Trinder, historiador honorário do museu, organizaram o congresso de 1973.

⁴ KROKER, Werner (ed). *SICCIM Transactions* [Transactions of the Second International Congress on the Conservation of Industrial Monuments, 1975], 1978.

distância⁵ e não havia internet⁶. Hoje não temos mais o primeiro, mas não vivemos sem o segundo. Mudanças climáticas era um conceito desconhecido e não havia Sítios de Patrimônio Mundial. A primeira crise global do petróleo se abateu em 1973, elevando os preços a cima de \$50 o barril pela primeira vez, sendo seguida pela quebra do mercado de ações e pela inflação vertiginosa. Se a era da indústria foi e, em grande medida, ainda é a era do carbono, podemos olhar para 1973 como o ano em que os primeiros sinais de mudança na ordem mundial estabelecida começavam a emergir. E, enquanto seria exagero afirmar qualquer presciência divina na antecipação da maneira que a ordem mundial pudesse evoluir, olhando para os anos 70, de modo geral, podemos ver uma década na qual o passado se tornaria popular e patrimônio de maneira geral e o patrimônio industrial, em particular, atingiria a maturidade.

Vale a pena lembrarmos que a mudança industrial e tecnológica foi uma das causas principais, para o bem ou para o mal, dessas grandes convulsões globais. Como no século XVIII, a industrialização – e agora, claro, a desindustrialização – tem sido a mais significativa dentre as várias forças que afetam sociedades e economias ao redor do mundo. É neste ambiente novo e modificado que agora contemplamos as perspectivas para conservação do patrimônio industrial e a modificação das percepções do público em relação a este aspecto crucialmente importante de sua história.

Quando a arqueologia industrial surgiu em meados do século XX, havia, de modo geral, dois mundos, o desenvolvido – ou industrial – e o em desenvolvimento – ou não-industrial. Hoje, talvez devêssemos adicionar um terceiro, o pós-industrial. Em meio ao então mundo industrial havia um crescente reconhecimento – pelo qual havia, então, um surpreendente apoio do público popular – de que as origens e a subsequente evolução da industrialização mereciam reconhecimento, que suas evidências materiais constituíam um campo de estudo legítimo e recompensador, que algumas destas evidências eram

⁵ Os serviços do transatlântico *Concorde* foram iniciados pela British Airways e Air France em 1976 e terminaram em 2003, quando a manutenção contínua das aeronaves era considerada impossível. Atualmente, nenhum transporte supersônico viável está em perspectiva. Este é um exemplo raro de uma tecnologia nova e funcional que não levou a um sucessor aperfeiçoado.

⁶ O e-mail foi adaptado pela ARPANET por Ray Tomlinson do BBN em 1972. Ele escolheu o símbolo @ dos símbolos disponíveis em seu *teletype* para unir o nome do usuário e o endereço. O protocolo *telnet*, que permite a conexão de um computador remoto, foi publicada como um *Request for Comments* (RFC) em 1972. O protocolo FTP, que permite a transferência de arquivos entre *sites* da internet, foi publicado como um RFC em 1973, e, daí em diante, RFCs estão disponíveis eletronicamente para qualquer um que use protocolo FTP. O nascimento da internet é freqüentemente traçado a partir destes eventos em 1972 e 1973.

suficientemente emblemáticas de um passado vital e vívido para justificar sua conservação e que as gerações futuras poderiam se inspirar e aprender com elas. A arqueologia industrial tocou um público que, talvez pela primeira vez, podia ver sua própria história, os lugares que refletiram suas próprias vidas e seus próprios valores sendo colocados sob proteção para o futuro. A este respeito, a conservação industrial arqueológica foi, senão única, certamente original.

No mundo de hoje, nós não podemos considerar estas perspectivas sem questioná-las. As justificativas não são mais auto-evidentes. A consciência presente no antigo mundo industrial da importância das mudanças sociais e econômicas forjadas pela industrialização, pelo conhecimento em primeira mão, bem como pela experiência da indústria e tudo o que ela representa, está evaporando conforme as gerações mudam e a experiência pública do trabalho, no sentido industrial do termo, desvanece. E com ela se vão as poderosas memórias coletivas daquelas comunidades industriais. Isso é inevitável. Se os anos de crescimento industrial se caracterizaram pela mudança rápida e fundamental, da mesma forma, a era do declínio industrial chegou com velocidade ainda maior e trouxe uma mudança social e econômica cataclísmica em um ritmo, novamente, inimaginável 30 anos antes.

Nós já conseguimos ver a era da indústria como uma época definidora de nossa história, não só no contexto de suas origens e conseqüências, mas, agora, pela primeira vez, nos termos de sua morte. A industrialização é um fenômeno histórico distinto e distinguível e, ao mesmo tempo, a força econômica e social mais influente que afeta as sociedades globais hoje.

Então, se neste antigo mundo, a grande era da indústria chegou e se foi, é esperado que os valores e sentidos atrelados a sua herança também desapareçam. Nós devemos, agora, considerar o futuro deste passado particular no contexto de novas percepções públicas. Para este novo público, o passado industrial e tudo o que ele representa será tão distante, tão estrangeiro, tão incompreensível e, talvez, tão irrelevante, quanto os remanescentes das antigas Atenas e Roma.

Em 1953, o autor inglês L P Hartley (1896-1972), bem escreveu: 'O passado é uma país estrangeiro, eles fazem coisas de modo diferente lá' ⁷. No

⁷ Hartley, L P 1953. The opening line in *The Go Between*.

caso do passado industrial, podemos esperar que, cada vez mais, este sentimento se torne uma verdade evidente. Nós não devemos nos surpreender. Neste novo mundo, a gestão da percepção pública e da atitude pública será, eu sugiro, pelo menos tão desafiante quanto gerir os próprios remanescentes físicos. Nós precisamos rearticular o valor do patrimônio industrial para aqueles para quem ele não tem sentido imediato ou óbvio. Será uma tarefa que negligenciamos por nossa conta e risco.

Mas isto, é claro, é no antigo mundo industrial. O declínio é um termo geograficamente relativo. Simultaneamente, em outras partes do globo – na Índia, China ou Brasil, por exemplo – a industrialização, em sua manifestação contemporânea, vem sendo desenvolvida ativamente como caminho da pobreza rural para uma nova forma de prosperidade. Aqui, um novo mundo do trabalho está sendo definido. Não é diferente disto o que emergia na Europa há mais de duzentos anos.

A era da indústria, então, nos definiu – e continua a nos definir – em maneiras mais diferentes do que nos preocupamos em pensar. O que nós fazemos é o que somos. O trabalho, uma vez considerado uma maldição, está no coração do nosso ser, nossa identidade, nossa auto-estima, nossa segurança financeira. O trabalho, no sentido que entendemos hoje, é um produto da era industrial. Da mesma forma, é o capitalismo, o socialismo e o comunismo; que todos estes três sejam vistos, agora, como profundamente falhos é, talvez, o sinal mais evidente de que a era da indústria – pelo menos no antigo mundo industrial – é agora coisa do passado.

Em uma era em que nossa prosperidade derivou da potência de minas, moinhos, fábricas e fundições, o valor e o significado do trabalho fizeram algum tipo de sentido. Havia uma clareza simples sobre o que entrava de um lado, ganhava valor como um resultado do trabalho e saía do outro lado. Lucros eram feitos, trabalhadores eram pagos. Hoje, os homens que fizeram o aço agora extraem ferro; pessoas não apenas saem para trabalhar, elas se exercitam. Músculos são para decoração e capa de revistas. No mundo moderno pós-industrial, nós temos que exercitar nossos corpos porque o trabalho não o faz mais por nós. Mas claro que isso também não esgota ao ponto de um colapso, deixa os pulmões destruídos pela silicose ou termina a vida dos homens e mulheres antes de seu apogeu. Este é um privilégio reservado àqueles que estão criando novas economias industriais no novo mundo industrial. Bhopal e os

eventos de três de dezembro de 1984⁸ podem bem ser vistos como seu terrível aviso; urbanização, prosperidade crescente e bem estar material, além da progressiva alteração do epicentro da economia mundial, como seu destino inevitável.

Na Bretanha, como em grande parte da Europa e da América do Norte, a metáfora simbólica mais significativa da mudança é a extinção virtual de minas subterrâneas de carvão em cerca de 15 anos durante as décadas de 1980 e 90. Em 1913, no auge da produção, havia 3.100 minas na Bretanha, empregando 1,2 milhões de mineiros. No início dos anos 1980, havia 130 poços de mina; hoje há apenas seis. Hoje, o emprego na mineração soma 5.600. Há mais membros no sindicato dos músicos do que no sindicato dos mineradores. Em quase metade das áreas de atividade industrial tradicional, ocorreu uma mudança similar. O setor têxtil, por 150 anos a pedra angular da economia nacional, sofreu efeitos semelhantes. Nos anos 1980, os moinhos na área da Grande Manchester eram destruídos na taxa de dois por semana. Nada disso, claro, é exclusivo da Bretanha. Isso caracterizou grandes áreas de atividade industrial tradicional através da Europa e América do Norte. Se nós estamos contemplando o eco-sistema social e econômico do antigo mundo industrial, precisamos reconhecer que um novo denominador comum internacional foi somado ao nosso léxico. Ele conecta Flint, Michigan; Consett, County Durham; ou Gunkanjima, Kyushu, para mencionar apenas três. Esse denominador comum é a extinção da indústria.

Então, se a era da indústria se foi, o que nós queremos de seus restos? Seus vestígios e suas memórias têm importância e, se têm, para quem? Esta é uma história que queremos carregar conosco, da qual gerações futuras possam se beneficiar com algum conhecimento e significado? Ou podemos deixar isso de lado, aliviados já que o problema silenciosamente escapuliu? Isso tudo era demais para se dar conta e a perda com sua partida isenta de consequência real? De fato, este é um capítulo da história que desejamos consignar, conscientemente e até entusiasticamente, esquecer? Eu acho que não.

Este congresso aponta um caminho à frente em seus temas de ecologia e economia. Assim como a industrialização desafia, a conservação industrial testa

⁸ O referido acidente de Bhopal (Índia) está entre os maiores desastres industriais ocorridos até hoje. Na madrugada de 03 de dezembro de 1984, 40 toneladas de gases tóxicos vazaram de uma fábrica de pesticidas atingindo consideravelmente a população local. (N.T.)

nossa ingenuidade para encontrar soluções novas e viáveis. Nós, agora, reconhecemos a importância da paisagem, ao invés de apenas sítios e edifícios específicos, assim como estamos começando a atacar os problemas de sua conservação. Lugares são o que as pessoas valorizam e nós precisamos entender e articular as distintas qualidades dos lugares industriais antes de intervirmos em sua regeneração. O entendimento leva à valorização, valorização leva à conservação informada, conservação informada nos permite reconciliar as vozes do passado com as necessidades de hoje e de amanhã; informar os processos de mudança de forma consciente e racional. Sem este nível e profundidade de entendimento, o futuro de lugares preciosos – entretanto, nós devemos definir este termo – cairá nas mãos daqueles que têm outras agendas, que irão, quase que inevitavelmente, corroer a perceptibilidade, intimidade, as próprias qualidades e o ambiente que as pessoas apreciam.

A re-utilização adaptativa é um gênero bem estabelecido, visto como uma abordagem lógica e justificável, não simplesmente por razões econômicas, mas, crescentemente, devido a benefícios sociais e ambientais; também para conservação de energia e sustentabilidade. A grande inércia térmica de muitos edifícios antigos os faz, particularmente, adequados para sua reciclagem em novos usos. E, talvez paradoxalmente, a regeneração de paisagens culturais, regida pelo patrimônio, pode trazer diversidade econômica e social para áreas que antes foram monoculturas de indústrias singulares.

Em seguida, há a questão da habitação. Quando os lugares de trabalho se foram, o que freqüentemente resta são as casas daqueles que neles trabalharam. Em muitas paisagens pós-industriais eles representam a evidência mais prolífica da antiga atividade industrial. O futuro destas habitações é de interesse vital para as pessoas que vivem lá. A compreensão destes espaços e a habilidade de debater opções para seu futuro devem, acredito eu, ser centrais em nossa agenda.

Os pontos de vista do público são críticos para o debate sobre a conservação industrial. Sem o entendimento público, não haverá suporte para a retenção – através da conservação e preservação – das evidências físicas do mundo industrial. Há, eu acredito, um papel importante e realizável para o TICCIIH de apresentar exemplos de boa prática; estabelecer argumentos para a conservação baseados em soluções sustentáveis; e demonstrar que,

crescentemente, a abordagem regida pela conservação pode transformar o que é freqüentemente visto como passivos em ativos sociais e econômicos reais.

Concluo com as palavras do celebrado arquiteto alemão Fritz Schupp (1896-1974), arquiteto com Martin Kremmer da mina Zollverien XII, um sítio de patrimônio mundial desde 2001. Já em 1929, ele resumiu muitos destes pontos de vista, ordenadamente, sucintamente e talvez com uma presciência inconsciente. Ele escreveu: "nós devemos reconhecer que a indústria com seus edifícios enormes não é mais uma conexão perturbadora em nossa paisagem e nossa paisagem urbana, mas um símbolo do trabalho, um monumento da cidade, que todo cidadão deveria apresentar aos estrangeiros com, pelo menos, o mesmo orgulho que seus edifícios públicos".⁹

⁹ Citado sem fonte em <http://www.ihtourism.pl/index.php?lang=en> (website do *International Documentation and Research Centre on Industrial Heritage for Tourism*).